

## CAPÍTULO CLVI<sup>1</sup>

### **Orgulho da servilidade**

Quincas Borba<sup>2</sup> divergiu do alienista em relação ao meu criado. – Pode-se, por imagem, disse ele, atribuir ao teu criado a mania do ateniense;<sup>3</sup> mas imagens não são ideias nem observações tomadas à natureza. O que o teu criado tem é um sentimento nobre e perfeitamente regido pelas leis do Humanitismo: é o orgulho da servilidade. A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*. – Depois chamou a minha atenção para os cocheiros de casa grande, mais empertigados que o amo,<sup>4</sup> para os criados de hotel, cuja solicitude obedece às variações sociais da freguesia, etc. E concluiu que era tudo a expressão daquele sentimento delicado e nobre, – prova cabal de que muitas vezes o homem, ainda a engraxar botas, é sublime.

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO CLVI] CAPÍTULO CLVIII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> Quincas Borba] O Quincas Borba – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> do ateniense;] de ateniense; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> amo,] dono, – em MPBC1-1880.